ANO 4.º LISBOA--SABADO, 14 DE JUNHO DE 1924 N.º 977

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195
Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

A POLITICA italiana volta a agitar-se, apesar dos desejos pacifistas de Mussolini.

O seguinte telegrama de Roma dá conta do estado actual dos espiritos na Camara italiana:

ROMA — O cadaver do deputado socialista Matteotti, raptado ha dias em automovel, foi encontrado na estrada de Vinvico.

A Camara dos Deputados manifestou-se novamente com violencia, por parte da oposição, tendo falado em seguida o presidente da mesa e os deputados Soleri e Delacroix, que pediram calma, justiça e a maxima pacificação—para dignidade da Patria.

O sr. Mussolini foi o ultimo a usar da palavra, por entre aplausos calorosos, classificando o crime de «nefando e idiota», no momento em que procura estabilisar uma situação de concordia e de pacifismo.

O Presidente do Conselho afirmou novamente que o governo fará justiça, opondo-se, no entanto, a qualquer tentativa de especulação politica contra o seu gabinete.

A policia prendeu já sete individuos como cumplices do crime e as investigações prosseguem activamente.

* * *

DUMA carta que Brito Pais escreveu a seu pae:

«Cá estamos na India. A nossa palavra cumpriu-se. A viagem de Vila Nova de Milfontes-India está feita.

Estas ultimas «étapes» foram horriveis, e as que seguem creio que não são melhores.

Em todo o caso tencionamos recomeçar depois de ámanhã.

O aparelho sofreu muito com a estada na Persia, debaixo de sol, pois não havia abrigo nenhum.

Foi beneficiado aqui. Vamos a ver se continua a comportar-se bem.

Recebi o seu telegrama, em que me diz que os nossos estão bem.

Obrigado por ele, pois o que mais me faz sofrer é a saudade da familia e o calor, que é insuportavel.

Nesta ultima viagem isto esteve por um fio, mas Deus não quiz e salvamo-nos: O resto a Deus pertence...»

* * *

O *Diario do Governo* publicará ámanhã um decreto, extinguindo os quadros permanentes de todas as funções do Serviço Aeronautico Militar, devendo o governo apresentar ao Parlamento, no mais curto praso de tempo possivel, as bases para a sua nova organização.

Os serviços da Aeronautica ficam dependendo da Secretaria da Guerra e os do Parque de Material serão entregues ao P. A. M.

* * *

ALGUNS degredados que se encontram em Angola cumpriram já a pena que lhes competia e ainda não foram restituidos á liberdade — por falta de meios de transporte.

De criminosos passaram á categoria de vitimas — vitimas do desleixo das autoridades que superintendem nos serviços prisionais.

* * *

O SR. Presidente da Republica visitou esta manhã a Casa da Moeda, onde assistiu á inauguração do Museu de Numismatica. De tarde deu assinatura aos ministros.

A crise

Já aqui o dissemos ontem: não nos move contra o governo do sr. Alvaro de Castro nenhuma especie de má vontade, ainda que certas pessoas queiram ver na critica que o *Diario de Lisboa* tem feito a diversos actos governamentais um *parti-pris* que está fora do nosso programa e da nossa função de jornalistas independentes, que acima de tudo desejam o bem da sua Patria, venha ele por intermedio de Alvaro, de Afonso, ou de Bernardino.

A nossa condescendencia, no entanto, não chega até ao ponto de achar que tudo quanto o governo faz é muitissimo bem feito, só para não crear dificuldades á digestão de certas pessoas que precisam de estimulantes para fazer o chilo.

Se assim fosse, tinhamos que abdicar precisamente da nossa posição de independencia, que é o nosso maior orgulho e a virtude mais nobre de um jornalista que se presa.

Não regatearemos aplausos á obra de um governo, quando essa obra se imponha a todos os portugueses como medida de salvação publica. Mas tambem não deixaremos de criticar os actos do poder executivo, quando esses actos não representem a vontade geral da Nação. E a verdade é que o governo do sr. Alvaro de Castro já hoje se encontra divorciado da maioria dos cidadãos e até do proprio Parlamento. Já lhe foram dadas suficientes indicações parlamentares para depôr noutras mãos o mandato que não quiz ou não soube cumprir. Tudo quanto seja ficar uma hora mais nas cadeiras do poder é remar contra a maré

A crise está aberta, embora o não tenha sido ainda oficialmente, e foi o proprio governo quem a decretou. Os ministros da Guerra e das Colonias manifestaram já ao sr. Alvaro de Castro o proposito em que se encontram de abandonar o gabinete. Restam, portanto, ao governo apenas alguns dias de vida.

Vão iniciar-se em breve as *démarches* para a formação do novo ministerio. Deus lhe ponha a virtude—é o nosso mais ardente desejo.—*X.*

DOIS PORTUGUESES

Brito Pais e Sarmento Beires
os gloriosos aviadores que realizaram a viagem aeria Lisboa-Macáu

O MAJOR sr. Cifka Duarte recebeu ontem em São Julião da Barra a seguinte carta:

«*Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.*—Os oficiais do B. S. C. F. enviam ao major Cifka Duarte, com destino ao «raid» Lisboa-Macau, a importancia das ajudas de custo que receberam por motivo das prevenções originadas pelo conflito da Amadora. São 215$00 escudos.—*Raul Esteves*, tenente-coronel, comandante do B. S. C. F.»

Se todas as unidades fizessem o mesmo, o conflito da Amadora teria sido, além de tudo, uma maneira original de fazer o Estado contribuir para o «raid»...

* * *

NAO vai bem parada a proposta de lei sobre o inquilinato, aprovada no Senado e actualmente na comissão de legislação da Camara dos Deputados. Os membros da comissão não se entendem uns com os outros e o relator não é visto com o ministro. Parece que o governo terá que recorrer a uma formula de despejo parlamentar para evitar os outros despejos que a lei pretendia evitar e estão sendo preteridos ou protegidos. Não causará surpresa ver gorado um contra projecto projectado.

* * *

A ELEIÇÃO para o preenchimento da vaga de senador, pelo distrito de Bragança, causada pelo falecimento do sr. Abilio Soeiro, foi adiada para outubro proximo, pelo sr. ministro do Interior.

A razão é que, na presente época, não existem em Bragança eleitores suficientes, por motivo das ceifas. E o que é verdade—eis a moralidade a tirar do acontecimento—é que um senador nada representa, em face duns optimos terrenos cultivados, que nos fornecem o indispensavel pão.

* * *

O NOSSO camarada Felix Correia é, no proximo dia 27, julgado na Boa Hora, por motivo duma entrevista publicada no *Diario de Lisboa*, ácerca do crime de Coruche, em que ficaram mortas duas pessoas, por causa de quatro perús.

E' falso, porém—ao contrario do que dizem os jornais—que o nosso camarada tenha publicado qualquer artigo na *Batalha*, ou delegasse a sua defesa no sr. dr. Herlander Ribeiro ou noutro advogado.

* * *

A PERSONALIDADE lendaria de *D. João* é um assunto eterno desde Tirso de Molina. Evidentemente que nenhum simbolo humano se presta tanto a ser discutido como o deste insatisfeito de amor. No teatro, *D. João* tem vivido, em todos os tempos, as suas aventuras comentarios *L'Homme et ses fantômes*, de Lenormand, é a sua ultima analise transportada ao palco em desassete quadros—que o *Odéon* de Paris acaba de pôr em scena com o maior dos sucessos.

* * *

E' nos dias 2, 3, 4, 5 e 6 de julho que se realiza em Braga o Congresso Eucaristico Nacional que deve atraír á cidade dos Arcebispos milhares de pessoas. São deslumbrantes os festejos preparados.

* * *

PARTIU ontem para Paris, onde foi acompanhar como representante do *Diario de Lisboa* o Orfeon Academico de Coimbra, o nosso querido camarada de redacção Artur Portela.

Publicações

O registo do livro

E' deveras interessante e de verdadeiro valor o trabalho de critica e documentação agora publicado pelo dr. Egas Moniz: «Julio Diniz e a sua obra». Esses dois volumes pelo muito que significam e pelo muito que vêm prestigiar as letras portuguesas merecem uma sincera homenagem. O que, além disso, esta obra representa de pesquisa, de criterio, de selecção, de esclarecimentos só o poderá compreender e devidamente apreciar os que alguma vez tenham empreendido tão arriscada tarefa. Se o romancista merece e conquistou todo um publico a produção do dr. Egas Moniz conquistará a recompensa admirativa aquele jus. Cheios de ineditos do romancista e com uma carta prefacio do professor Ricardo Jorge os dois volumes têm de ser postos entre os bons e uteis livros dos ultimos tempos.

Neste simples registo pretendemos apenas, por agora, patentear o nosso agradecimento pela bela oferta.

* * *

A Livraria Classica Editora lançou no mercado mais um póstumo de Fialho de Almeida

Nas paginas magnificas de «Figuras de destaque» passam, julgados pelo mago de Cuba, os grandes mortos, eternamente vivos: Herculano, Camilo, Eça, João da Camara e João de Deus, e alguns vivos: Malheiro Dias, Anibal Soares e poucos mais.

Numa epoca de super-abundancia editorial em que os «vient-de-paraître» se contam pelas folhas do calendario, o livro de Fialho marca um acontecimento literario nunca bastante celebrado.

* * *

Fums—é o titulo do novo livro do ilustre professor e brilhante escritor sr. dr. Pedro Fazenda, cujos trabalhos literarios lhe conquistaram já no nosso meio um logar de indiscutivel valor.

Fums, como o titulo indica, são pequenas impressões, algumas delas scintilantes de ironia e de verve, feitas numa prosa cheia de leveza e de observação; outras são delicadas novelas. rapidas, fulgorantes, cinematicas, onde o dr. Pedro Fazenda demonstra as suas incomparaveis qualidades de psicologo e de estilista.

Fums, livro que está constituindo o sucesso livresco da semana, honra quem o escreveu.

* * *

Flavio, romance do distinto publicista «Nuno de Montemór», cuja tese está sintetisada neste pensamento de Ernesto Psichari: «Sigamos o partido dos nossos Avós contra o partido de nossos pais»; e *O Amor—As mulheres—As mulheres e o Amor* (Pensamentos de Camilo, coordenados por Armando Noronha) com um prefacio do conhecido escritor Albino Forjaz de Sampaio.

As edições são, respectivamente, das livrarias Ferin e Portugalia.

No Coliseu dos Recreios

Penultimo espectaculo a preços populares

A Companhia italiana que com tanto sucesso tem estado a trabalhar no Coliseu dos Recreios, terminando ámanhã a sua época, dá o espectaculo de hoje a preços populares em homenagem ao publico de Lisboa, levando á scena, pela ultima vez, a opereta de grande exito *A Bailadeira* que é ornada da mais linda musica que se tem cantado em Portugal.

A fim de que as classes menos abastadas possam ouvir boa musica e magnifico canto, os preços de hoje serão os seguintes:

Camarotes de 1.ª, 25$00; de 2.ª, 20$00; Frizas, 25$00; Fauteuils, 10$00, 7$500 e 5$00; Geral reservada, 2$50 Geral, 2$00.

Amanhã realiza-se uma grandiosa festa dedicada a toda a companhia com o concurso de muitos dos nossos primeiros artistas portugueses.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

CRONICA FINANCEIRA

As condições

Obrigações

dos emprestimos

do fundo externo português de 3 %

O assunto financeiro mais importante da ultima semana, foi a continuação dos comentarios feitos em torno do decreto que reduziu o juro das obrigações da divida externa para os portadores portugueses.

O facto decerto constituiu uma indicação clara á economia nacional para de futuro mesmo, sem deixar de ser patriota, pensar demoradamente na aplicação dos seus dinheiros.

Por nos parecer interessante e constituindo melhor base para apreciação do decreto. damos a seguir as condições-obrigações gerais dos emprestimos portugueses de 3 %.

FUNDO EXTERNO PORTUGUEZ 3 %

1.ª SERIE

Emissão de 1.043:179 obrigações do juro de 3 por cento amortisaveis á escolha do Governo Portuguez, por compra no mercado ou por sorteio ao par, em 198 semestres, conforme a tabela inscrita no verso, sendo 543:179 titulos de 1 obrigação n.º 1 a 543:175 e 1.043:176 a 1.043:179 e 100:000 titulos de 5 obrigações n.ºs 543:176 a 1.043:175 conforme a obrigação geral adeante transcrita e traduzida no verso

TITULO DE 1 OBRIGAÇAO

Reis 90$000 — £ 20-0-0 — Francos 505 — Marcos 410 — Florins 236

OBRIGAÇÃO GERAL

Tendo sido antorisado o Governo Portuguez pela Carta de Lei de 14 de Maio de 1902, a converter a divida externa, consolidada e amortisavel, em 3 series de titulos do tipo unico de juro de 3 %, amortisaveis em 198 semestres:

Declaro, em nome do dito Governo, eu, Fernando Mattozo Santos, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda e interino dos Estrangeiros, em relação á 1.ª série destinada á conversão da divida consolidada externa nos termos da citada lei e do decreto de 9 de Agosto ultimo, publicado no «Diario do Governo», de 11 do mesmo mez, o seguinte:

A Nação Portugueza constitue-se devedora de 1 043:179 obrigações de 3 % do capital cada uma de réis 90$000, £ 20 0 0, francos 505, marcos 410, florins 235, amortisaveis á escolha do Governo Portuguez por compra no mercado ou por sorteio ao par, em 193 semestres, sendo a 1.ª amortisação no dia 1 de Janeiro de 1903.

Cada obrigação vencerá o juro de 3 % ao ano, contado desde 1 de Julho de 1902, pagavel aos semestres sob a simples apresentação do respectivo coupon em 1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano, á escolha do portador, em Portugal por 1$350 réis, em Londres por £ 0 6 0, em Paris por francos, 7.57 1/2, em Bruxellas e Anvers por francos 7,57 1/2, Berlim e Francfort por marcos 6,15, e em Amsterdam por florins 3,54.

O Juro prescreve a favor do Thesouro Portuguez quando não fôr reclamado dentro de 5 anos contados do respectivo vencimento.

Estas obrigações são consideradas para todos os efeitos titulos de divida publica fundada.

O capital e juros das mesmas obrigações são isentos de qualquer imposto ou taxa, tanto no presente como no futuro, excepto do imposto de rendimento a que ficam sujeitos os coupons pagos em Portugal.

Para ocorrer ao encargo do juro e amortisação dos titulos desta serie, o Governo, até integral pagamento dos mesmos titulos, fará inserir no orçamento anual do Estado as somas para isso necessarias, aplicando especialmente e de preferencia a esses encargos, nos termos do disposto na base 2.ª anexa á Carta de Lei de 14 de Maio de 1902, os rendimentos aduaneiros no continente do reino na Europa, exceptuando os dos tabacos e cereaes, conforme os termos seguintes da mesma lei:

1.º Os tesoureiros das alfandegas entregarão todos os dias á Junta do Credito Publico quantia suficiente para prefazer a tricentessima parte, em ouro, do total necessario para os encargos anuaes (juro e amortisação) da divida externa actual que fôr convertida, nos termos da lei, e para as despesas do serviço da mesma divida;

2.º No caso em que as receitas aduaneiras de um dia sejam inferiores á quantia, o «deficit» será preenchido com as receitas do dia ou dias seguintes:

3.º Logo que, no decurso de um semestre, a Junta do Credito Publico tiver recebido quantia egual á metade, em ouro, da necessaria para os encargos annais (juro e amortisação) da referida divida externa actual que fôr convertida, nos termos desta lei, e para as despezas do respectivo serviço, cessarão, nesse semestre, quaisquer entregas dos tesoureiros das alfandegas á Junta do Credito Publico, recomeçando só no semestre seguinte:

4.º Se por qualquer circunstancia imprevista, as entregas feitas na Junta do Credito Publico, durante qualquer semestre, não tiverem preenchido a metade da quantia total, em ouro, necessaria para os encargos anuais da divida de que trata esta lei, o Governo preencherá o «deficit» pelas mais receitas e rendimentos do Tesouro Portuguez.

5.º A Junta do Credito Publico deverá transferir todos os quinze dias, pelo menos, para os estabelecimentos encarregados do serviço da divida publica portuguesa nos paizes estrangeiros, as quantias que tiver em cofre, a fim de que o enuncio do pagamento dos coupons se faça 15 dias antes dos seus respectivos vencimentos, e a amortisação dos titulos seja efectuada pontualmente.

Fica, porém, declarado para todos os effeitos que as disposições acima contidas, e de que trata a referida base 2.ª, anexa á Carta de Lei de 14 de Maio de 1902, de modo algum afectarão ou poderão prejudicar a autonomia financeira, economica e administrativa da Nação Portugueza.

Os numeros dos titulos que forem amortizados serão publicados pela Junta do Credito Publico na folha oficial portugueza e em dois jornaes de cada paiz em que os mesmos titulos sejam ou venham a ser cotados.

Os titulos de que trata esta Obrigação Geral levarão as assignaturas do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, de dois membros da Junta do Credito Publico e de um funccionario superior da Direcção Geral da Contabilidade Publica ou da Direcção Geral da Thesouraria, podendo todas as assignaturas ser de chancela menos uma, que será pessoal.

Declaro mais, em nome do Govêrno Portuguez, que, até integral pagamento dos titulos d'esta série, serão mantidas e vigorarão as disposições dos decretos de 14 de Agosto de 1893 e de 8 de Outubro de 1900, que regulam a constituição, funcções e atribuições da actual Junta do Credito Publico.

Em fé do que eu, Fernando Matoso Santos, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda e interino dos Estrangeiros, assinei e selei em Lisboa, aos 27 de Dezembro de 1902, a presente Obrigação Geral, que vai tambem assinada pelo Director Geral da Tesouraria. O Ministro da Fazenda, Fernando Matoso Santos—O Director Geral da Tesouraria, Luís Augusto Perestrelo de Vasconcelos.

Está conforme,—Pela Junta do Credito Publico, Alberto Antonio de Morais Carvalho.

Visto, Tribunal de Contas, 31 de Dezembro de 1902, Gualdino Alfredo Lobo de Gouveia Valadares.

O portador do presente titulo, que leva anexos 60 coupons semestraes, é credor de 90$000 reis, £ 20 0 0, Francos 505, Marcos 410, Florins 236, em conta da 1.ª série de obrigações de 3 % emitidas conforme a obrigação geral acima transcrita.

Pagos aquetes coupons será a respectiva folha renovada á custa do Tesouro Portuguêz.

Este titulo, quando amortizado por sorteio, e seus respectivos coupons serão pagos em ouro nas praças estrangeiras mencionadas na dita obrigação geral acima.

Lisboa, Junta do Credito Publico, em 31 de Dezembro de 1902.

O MINISTRO DA FAZRNDA

OS MEMBROS DA JUNTA DO CREDITO PUBLICO

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria Luiza Patricio da Cunha Matos e D. Leonor Archer Guedes.

E os srs.:

D. Manuel Nuno Alvares Pereira de Sequeira Lamarão Bramão, dr. Caetano Francisco da Silva Beirão, Francisco Perfeito de Magalhães Vilas Boas, Antonio de Sampaio Dart Costa, Humberto Feliciano Vecchi e Valentim Duarte Pinto.

E depois de ámanhã as senhoras:

D. Maria da Assunção Pietro Cerqueira Rasteiro, D. Sofia de Sousa e Vasconcelos, D. Maria Madalena da França e D. Maria Carlota Travassos Valdez de Sarmento e Vasconcelos (Moimenta da Beira).

E os srs.:

Dr. D. Tomaz de Almeida Manuel de Vilhena, D. Vasco Bramão, dr. Mario Pinheiro Chagas, Paulo de Melo (Pombeiro) e Fernando João Andresen Guimarães.

A caridade

Na Legação de Espanha

Revestiu grande brilhantismo a tarde de ontem nos magnificos jardins da Legação de Espanha, em Lisboa, onde se realisou a anunciada «verbena de caridade» organisada por madame Carmen Satrustigui de Padilla, ilustre espesa do sr. D. Alejandro Padilla, ministro do visinho reino, em Portugal, e cujo produto se destinava á beneficencia espanhola. Foi uma autentica «verbena» com todas as suas caracteristicas, não faltando o mais pequeno pormenor. Pelo vasto parque estão dispostos artisticamente varios balcões, onde encantadoras meninas, trajando de «mantons», vendiam refrescos, chá, vinhos, licores, cigarros, mangericos com tradicional cravo, com a competente quadra popular, e chocolate. De toda a festa a nota verdadeiramente interessante foi a dada pela sr.ª D. Herminia Cantillo, filha mais velha dos ilustres ministros da Argentina em Lisboa, que ontem reaparecia na sociedade, depois do seu regresso do estrangeiro, onde esteve convalescendo, que, rigorosamente vestida, lia a «buena dicha» em uma barraca ornamentada com muita originalidade.

Depois do «chá» dirigiram-se todos os convidados para o recinto da dansa, junto do palacio, onde, ao som de um eximio sexteto «jazz-band», se dançou sem interrupção até perto das nove horas.

Os ilustres diplomatas e suas gentis filhas foram incansaveis de amabilidade, pondo mais uma vez em evidencia as suas fidalgas qualidades de caracter.

Assistencia:

Condessa de Planas Suarez, madame Cantillo e filhas, madame Koren, madame de Rivera, marquesa de Lavradio e filhas, condessas das Alcaçovas e filhas, de Arnoso e filha, de Taboeira, de Santar, de Seisal, de Castelo Mendo, D. Maria Luisa Roque de Pinho de Oliveira Monteiro e filha, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Beatriz de Lancastre, D. Laura Palha Infante de La Cerda e sobrinha, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria Leopoldina Correia Pereira de Sousa e Faro e filhas, madame Domingos Pereira, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas, D. Flora Bastos Amaral e filhas, D. Natalia Muñoz y Puig, D. Eulalia Sélles de Sande e Castro, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Felicia Paccini, D. Constança Paccini da Camara, D. Henriqueta Meuron de Araujo Perestrelo de Vasconcelos e filhas, D. Josefina Wren da Silveira Viana, D. Branca de Gonta Colaço e filhas, D. Irene de Gonta, D. Maria de Serpa Osorio, D. Adela Panau de Roura, D. Albana de Sommer Osorio, D. Irene de Gonta, D. Amelia de Freitas Lancastre e filhas, D. Cecilia Correia Nunes, D. Maria Emilia Correia Nunes Tovar de Lemos, D. Alexandra Nobre de Melo, D. Maria Bruno Heredia, D. Luisa Malheiro de Seixas e filha, D. Camila de Paiva Raposo e filha, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha (Paraty), D. Maria del Pilar Burnay Verda (Mairos), D. Teresa de Lancastre Gil de Borja de Macedo e Menezes, D. Julieta Gomes de Amorim, etc., etc.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã «rendez-vous» de tarde nos «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no São Luis, sarau de arte da «Troupe Portuguesa de Concertos» e depois de ámanhã de tarde na «matinée» do Salão Foz e á noite no Trindade; inauguração da epoca de verão, com a peça «Papá Lebonnard».

Em viagem

Regressou a Lisboa, com suas gentis filhinhas, o ilustre clinico sr. dr. Melo e Faro.

— A' sua casa da Covilhã, regressou ha dias o sr. Vasco da Gama Leitão.

— Partem brevemente para França e Italia, com sua gentil sobrinha miss Mabel Petter, o sr. Jacob Abecassis e a sr.ª D. Gerty Abecassis.

— De regresso de Paris, e a descansar uns dias na sua casa de Vidigueira, seguiu para o Alemtejo o sr. dr. Mario de Gusmão Madeira.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=Não ha espectaculo.
Nacional=Não ha espectaculo.
S. Luis=Não ha espectaculo.
Trindade=Não ha espectaculo.
Politeama=A's 21—«Guerra em tempo de paz».
Avenida=A's 21,15—«Cama, mesa e roupa lavada».
Apolo=A's 21,30—«O ecmissario de policia».
Eden=A's 21,30—«Fructo prohibido»
Gil Vicente=Ás 21,15—«Os dois sargentos».
Coliseu dos Recreios=A's 21—«A bailadeira».

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz=Calçada da Gloria.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.

LOTERIA DA MISERICORDIA

Extracção a 18 de Junho de 1924

1.º premio 1.000:000$00 (mil contos)

2.º premio 400:000$00 (quatrocentos contos)

Bilhetes e quadragessimos á venda na Tesouraria da Misericordia.

Preço do bilhete 300 escudos, e quadragesimo 7 escudos e 50 centavos.

Comissão de 3 %, aos compradores de 5 ou mais bilhetes inteiros.

LIVROS NOVOS

Egas Moniz

acaba de publicar

o seu novo trabalho

"Julio Diniz e a sua obra„

do qual se transcreve

parte do interessante capitulo intitulado "A sua doença„

DR. EGAS MONIZ

Gomes Coelho não quiz dedicar-se á clinica. Não o atraía a pratica da Medicina, ao menos na clientela extra hospitalar.

Viu alguns doentes; mas sempre com sacrificio. E mesmo essa fraca actividade clinica não durou mais do que um ou dois anos em seguida á formatura e emquanto esteve no Porto.

Deixou, porém, aqui e acolá, em algumas das suas cartas, apreciações do seu estado de saude, desempenhando o ingrato papel de ser medico de si mesmo.

Devemos notar que, tratando das doenças proprias, é quando o medico dá as peores provas. O auto-exame é, em geral, dificil e o criterio imparcial que deve dirigir o clinico nas suas observações, de sorte a subtraí-lo a todas as sugestões estranhas, é aqui prejudicado pelos factores pessoais em acção que, em geral, alteram e deturpam sintomas facilmente reconheciveis na sua inteira verdade quando friamente observados.

Gomes Coelho chegou a ser optimista. Apesar das crises hemoptoicas, não hesitou em declarar a Custodio Passos, em carta dirigida de Ovar, que esperava completar a cura da sua doença, que lhe parecia «ter sido mais de imaginação do que real».

Noutra carta, de 11 de Maio de 1863, o seu optimismo não é tão firme.

«Felizmente que já não tenho tido daquelas insonias insuportaveis que, entre varios incomodos que me affligiam, não eram dos menores.

«Será radical esta cura? Veremos.»

Mas em 12 de Junho é categorico:

«Como me ache restabelecido, demorar-me-hei aqui mais alguns dias e depois voltarei para o Porto, de que tenho já muitas saudades.»

Depois começaram as duvidas. Três anos depois, em Outubro de 1866, escreve ao seu amigo:

«Comquanto me não possa dizer pior, julgo prudente, atendendo á persistencia da febre e a certo mal-estar indefinivel...»

Em 2 de Dezembro do mesmo ano, precisa mais as suas condições de saude:

«Quando me achar mais restabelecido sairei do Porto e actualmente a vida que mais me sorri é uma vidã bem aldeã e bem esquecida do mundo.»

Durante as suas três curas do Funchal só a principio mandou noticias optimistas.

Dedicaremos algumas paginas a essa longa derrota em que as esperanças poucas vezes lhe alegraram o espirito e em que as decepções se foram somando de ano para ano.

De 1869, em que, pela primeira vez, arribou á Ladeira, até 1871, em que lhe foi fazer as suas despedidas, as impressões comunicadas vão num crescendo tragico da consciencia do seu mal. Raramente as ilusões lhe povoaram a alma. Estava, consciente, a dentro dum prognostico que se ensombrava dia a dia.

Em 1869 saiu do Porto para Lisboa, para onde os seus colegas o mandaram com destino aos suburbios da cidade ou a terras do sul, Setubal ou Abrantes de preferencia, em busca de melhores condições climatéricas que aliviassem o seu mal, sempre crescente.

Em Lisboa ouviu May Figueira, professor illustre da Escola Medico-Cirurgica, que, ao tempo, pontificava na clinica da Capital.

Já Gramacho, no Porto, com toda a sua autoridade de clinico emerito, lhe tinha falado na necessidade de uma larga demora na Madeira (dois ou três anos seguidos), mas só May Figueira conseguiu convencê-lo de que a sua estada em Lisboa, ou mesmo nos seus suburbios, lhe não poderia trazer grandes vantagens. E já que vinha em demanda de ares benéficos para os seus pulmões doentes, melhor era procurá-los na Madeira, uma das estações climatéricas mais recomendadas. Gomes Coelho falou lhe nos inconvenientes do enjôo; mas May Figueira tranquilizou-o, achando o até salutar. Decidiu-se de pronto e partiu esperançado em melhores dias. Seguiu no principio de Março de 1869.

A sua demora no Funchal foi curta. Em 20 de Maio voltava a Lisboa. Fôra um pouco fóra de tempo, e o verão estava á porta. Tinha sido apenas a experiencia de dois meses de cura de inverno, que depois repetiria.

Em 23 de Maio escrevia a Custodio Passos:

«Volto melhor, mas volto com tenções de me expatriar de novo no inverno; ainda que me assusta a ideia da viagem maritima de enjoativa memoria. Decididamente o mar foi feito para os peixes e quejandos e quanto ás focas não pódem servir de regra aos mamiferos deste mundo».

As impressões eram boas

«Apesar de tudo» — escrevia Gomes Coelho, — «eu devo ser grato a este clima que, se me não curou de todo, deu-me mais vigor e mais resolução».

Havia particularidades na vida do Funchal que não lhe agradavam. A bisbilhotice era a mesma do Porto, talvez ainda pior, comentava ele, por se entrar mais pelo intimo das casas, para assoalhar o que por lá vai.

Tambem o incomodava a conversa forçada a doenças do peito. Eram para ele um suplicio os informes reciprocos dos incidentes sofridos e até das melhoras experimentadas.

Por outro lado, não lhe era possivel passear no campo, para onde ele, por certo, desejava emigrar, devido ás «pavorosas subidas que por toda a parte se encontram».

Mas a perspectiva de melhoras resolveu-o a partir de novo, o que fêz em meados de Outubro de 1869. A viagem foi boa, apesar de ter pago um pouco o «tributo» do enjôo no primeiro dia. Contudo, pôde jantar e almoçar com os mais companheiros.

Durante esse periodo de cura no Funchal, o seu espirito sofre a evolução do mal que o tortura. Sente-se desalentado para a vida que fazia.

«Se estiver destinado para me demorar cá neste mundo, muito singular terá de ser a minha vida, porque o ano que está a findar tirou-me a aptidão para viver como vivia até áquela época».

Para ele, o clima da Madeira é um lenitivo para os seus sofrimentos, mas nunca o poderá libertar da enfermidade. Vai vivendo, diz. Não passa mal, porém nunca livre das crises de tosse e de febre.

Na mesma carta faz a confissão de que até o escrever, que dantes tanto o entretinha, o enfada.

Contudo, na carta imediata volta a pensar de maneira diferente:

«Deixa-me dizer-te que tenho escrito alguma coisa. Disse há pouco em uma carta que escrevi ao Nogueira Lima que era esse o unico vicio que tinha. E é assim.

«Ha poucos momentos de mais felicidade para mim, hoje, do que aqueles em que me absorve a atenção a composição de um romance. Consigo ás vezes ver tão distintas as personagens que criei, que parece-me chegar quasi a convencer-me que elas existem. E com essa gente dou me tão bem!»

Este espirito de incoerencia, tão vulgar nos tuberculosos, acentua-se em Gomes Coelho em muitas outras passagens. Caminha neste periodo aos encontrões das suas disposições de momento. Ora escreve: «Isto é mal que se não cura», ora afirma que conta «retemperar-se e voltar ao Porto em melhores condições de saude».

A's vezes, numa fase de relativo bem estar, visita-o um certo bom humor. Não deixa, é certo, de frisar que a sua doença é daquelas de que apenas se póde melhorar; mas fá-lo de uma maneira leve, quasi galhofeira.

Em 20 de Abril de 1870 escrevia a João Pedro Basto:

«... sómente lhe digo que vou alguma coisa melhor do definxo que me atacou em Março e que de tal intensidade foi que me fez emagrecer. Agora estou reduzido á sorte de uma personagem das «Pupilas», obrigado a tomar arsenico. O João da Esquina está vingado!»

E como se não bastassem as torturas fisicas que pouco a pouco o iam definhando, ajuntam-se lhe os abalos morais. Primeiro é o falecimento de uma tia, no Porto, a quem o prendia um afecto muito particular. Orfão de mãe aos 5 anos, encontrou nela um dos melhores arrimos afectivos da sua vida.

As palavras que lhe dedica, numa comovente generalização a todas as boas almas que passam uma desinteressada e voluntaria vida de sacrificios pelos outros, no misterioso silencio dos lares, formam uma das paginas mais belas e mais sentidas das suas cartas. Escreve Gomes Coelho em 20 de Fevereiro de 1870:

«Quando não bastasse uma convivencia de «muitos anos para me fazer sentir a falta» daquela pobre senhora, a lembrança de que ha justamente um ano eu a via, de dia e de noite, ao lado do meu leito como incansavel enfermeira, mal pensando em que mais cedo seria vitima do que o doente que desveladamente tratava, essa lembrança não podia deixar de despertar-me as mais vivas saudades. Ha em todas as familias umas modestas criaturas que vivem uma existencia obscura no interior das casas e em que nós mal pensamos quando temos saude e andamos distraidos por os nossos projectos, mais ou menos ambiciosos, ou sob o dominio de paixões, mais ou menos ardentes. São essas, porém, aqueles com quem afinal nos achamos, quando caimos doentes e sentimos que, um por um, nos abandonam aqueles projectos e se amortece o ardor daquelas paixões».

Não foi só este desgosto que feriu a sua sensibilidade hiperestesiada pela doença e pela distancia e isolamento em que se encontrava. Logo após este, veio um outro triste acontecimento enlutar o seu coração de amigo. Um antigo companheiro de casa, que com ele partira do Porto e que com ele chegára ao Funchal, hospedando-se na mesma casa, faleceu a seu lado depois de, por muitos dias, «apresentar o triste quadro de uma destruição».

Estes abalos, que tão fundamente o feriram, deviam concorrer para que as vantagens a esperar desta segunda época de cura no Funchal não fossem tão acentuadas como as experimentadas da primeira vez. Além de que a doença ia avançando sempre, como ele constatava dia a dia e consta das cartas que ia escrevendo.

Regressou da Madeira em 22 de Maio de 1870. Veio, para nos servirmos da sua frase, encontrar em Lisboa o Saldanha a salvar a Patria. Renasce-lhe um certo bom humor que aumenta em Vila Nova de Famalicão, onde foi passar uma parte de Agosto e Setembro depois de uma passagem pelo Porto. Apesar do avanço constante do mal, ainda em 14 de Outubro, preparando-se para a terceira viagem ao Funchal, escreve a Custodio Passos estas animadoras linhas:

«Cheguei a salvamento e estou com regular saude. Cômo bem e durmo menos mal.

«Parto para a Madeira ámanhã ou depois».

A sua ultima estada no Funchal é o terceiro acto da tragedia que, de aí a pouco, havia de ter o funesto epilogo. Gomes Coelho ainda uma vez ou outra tem lampejos de ilusão a alimentar a derradeira esperança, momentos de fraqueza, em que pretende auto-sugestionar-se na ansia de viver. Fóra disso o seu prognostico é implacavel e frio:

«Que te direi de mim?» — escreve em 20 de Dezembro de 1870. — Eu vivo aqui no inverno como me vez aí viver no verão. A mesma saude instavel, o mesmo aborrecimento, a mesma indiferença por quasi tudo aquilo por que os homens se interessam».

E como se ainda fosse pouco preciso, querendo pôr em relevo um pressentimento que, afinal se não realizou, diz em 19 de Janeiro:

«Aqui na Madeira tenho sido testemunha desse doloroso espectaculo de um homem que morre longe de parentes e de amigos, tendo á cabeceira uma pessoa estranha e indiferente. Deve ser desesperador. E cada vez estou mais convencido de que essa sorte me está reservada. Desejava azedar o espirito até o ponto de essa ideia me ser indiferente. Ainda o não consegui».

No final dessa carta pede ao seu amigo que o perdoe por «chamar o seu pensamento para a beira de uns escuros abismos...»

E' a primeira vez que Gomes Coelho põe a hipotese da morte proxima. Prevê a mesmo durante a sua permanencia na Madeira, o que o contrista e apavora. E, desde esse dia, desaparecem as cartas esperançadas de anteriores tempos. Quando muito, uma ou outra frase, quem sabe se até pouco sentida para não torturar o amigo e confidente a quem confiava os seus segredos e desalentos.

TEATRO SÃO LUIZ

Domingo, 15 de Junho, ás 21 e 45 h.

SERÃO DE ARTE — Apresentação da «Tournée Portuguesa de Concertos» com Raquel Bastos, soprano ligeiro; Sales Ribeiro, tenor e director; Aurora Aboim, soprano lirico; Armando Saraiva, baritono; e Maria Ferraz, soprano dramatico e pianista

Um unico espectaculo — Bilhetes á venda

PREÇOS POPULARES

Politeama — Empresa Luís Pereira — Telefone 3028-N

HOJE ás 21,30 — Companhia AUGUSTO PINA

Grande exito de gargalhada — 4.ª representação

A comedia em 5 actos, trad. José Antonio de Freitas

Guerra em tempo de paz

Luxuosos scenarios — Toilettes elegantissimas — Magnifico guarda-roupa — O teatro mais fresco mais confortavel e mais barato de Lisboa

TEATRO da TRINDADE

Tel. C-875 — Empreza José Loureiro

ESTREIA, Segunda-feira, 16, da companhia de comedia e drama de que fazem parte Berta de Bivár-Alves da Cunha, com a peça

Papá Lebonnard

PREÇOS POPULARES

Teatro APOLO

Tel. N. 4129 — Companhia MARIA MATOS

HOJE — ás 21,30 (9 1/2 da ncite)

O COMISSARIO DE POLICIA

de GERVASIO LOBATO

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

FATOS E SOBRETUDOS

Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

A NOSSA AVIAÇAO

A viagem

aerea

Lisboa-Macau

e o heroismo

de Brito Pais e Sarmento Beires

A' hora a que escrevemos, talvez pisem já a terra portuguesa de Macau os heroicos aviadores Brito Paes e Sarmento de Beires.

Desde ante-ontem que ó admiravel e audacioso empreendimento está virtualmente acabado. De Hanoi a Macau—ou a Cantão, onde provavelmente o «Portugal» terá de aterrar, por não haver na cidade portuguesa um campo proprio para isso—distam menos de 1.000 quilometros que devem ser cobertos em 6 horas e meia.

O vôo glorioso vai, pois, ser coroado pelos aplausos emovidos dos portugueses e pela admiração do mundo inteiro.

Dos ultimos paises a conhecer e a adoptar a quinta arma, desprovído quasi por completo de recursos, Portugal conseguiu em poucos meses, graças á sciencia e ao heroismo dos seus oficiais, marcar um logar de primeira plana na Aviação de todo o mundo.

Estão na memoria de todos os audaciosos «raids» Lisboa-Funchal, Paris-Lisboa, Tancos-Melilla, etc. Está na memoria de todos—de portugueses e estrangeiros—a formidavel empreza de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em que não se sabe que mais admirar—se o seu altissimo valor scientifico, se o heroismo admiravel dos dois nautas do ar.

Mas Portugal, mas a Aviação Portuguesa não descansaram sob os louros obtidos. E imediatamente outra ideia heroica, outro audacioso empreendimento começou a preocupar os nossos bravos aviadores: *Ligar, num vôo temerario, a capital de Portugal a esse rincão de terra portuguesa que no Extremo Oriente é um padrão imorredouro do nosso poderio antigo e da nossa admiravel obra civilisadora.*

Brito Pais e Sarmento de Beires, dois herois á maneira antiga, desinteressados, alheios á lama que em volta deles se juntava, todos embebidos na sua miragem de maravilha, pensaram a façanha. Estudaram-na. Arranjaram o seu corcel de combate, e o *Patria*—onde a Cruz de Cristo se destacava como um signo de Fé e de Vitoria—preparou-se para bater as azas frageis para o vôo glorioso.

Foi ha ano e meio em Milfontes. Mas, quando se preparavam para partir, a arriscar a vida pela gloria de Portugal, um simples papel cortou as azas ao *Patria*...

E foi mais um ano de espectativa, de sonho constante, á espera que voltasse o tempo proprio para a viagem temeraria.

Finalmente, a 2 de Abril, do Campo da Amadora, desacompanhados de elemento oficial e tendo apenas a acenar-lhes os lenços, num desejo sincero de triunfo os seus camaradas e algumas dezenas de populares, Brito Pais e Sarmento de Beires partiram—para a gloria, ou para a Morte, decididos a tudo, para que o nome de Portugal subisse tão alto que tocasse o sol, tão alto que todos o vissem a brilhar e o admirassem.

Manuel Antonio de Gouveia—o admiravel mecanico a quem se deve em grande parte o exito desta gloriosa empreza—partira por mar para Tunis, donde depois veiu a seguir com os dois bravos aviadores, até ao momento tragico em que o «Patria» ficou para sempre despedaçado, depois de ter cumprido maravilhosamente o seu dever.

* * *

Nesta hora em que o audacioso rasgo chega ao seu fim, queremos evocar aqui a hora comovente da partida, com as palavras que escrevemos nesse momento no campo da Amadora:

«E o capitão Beires? E o capitão Brito Pais?

E' meio-dia. Surge no ceu um aparelho:

— Olha o «aluminio»!...

E' o «Breguet n.º 2».

Descreve a curva do ritual e salta sobre a relva.

Dentro vêm dois soldados e um oficial alto e loiro, olhar ingenuo e dôce, figura de guerreiro medieval, desses que andam nos vitrais a fazer nos saudades da sua idade...

E' o capitão Sarmento de Beires. Vem á paisana. Um sargento aproxima-se a pedir-lhe uma autorisação:

— Isso é com F. Eu hoje ainda estou com parte de doente...

Achámos curiosa esta situação oficial dum homem que parte, arriscando a vida, á conquista de mais um trofeu glorioso para Portugal...

A's 2 menos um quarto, o «Patria»—que é um explendido «Breguet» com dois depositos de gazolina—pousa sobre a pista—e «pósa» para a gloria.

A's 2,30 está tudo preparado para que o «Patria» parta ás 4.

A's 3 e meia começam a chegar mais jornalistas, fotografos e curiosos. Poucas senhoras.

A's 3,45, chega num automovel o capitão Beires, com alguns amigos, e num outro carro vêm Sacadura Cabral e Gago Coutinho, o primeiro fardado, o segundo á paisana.

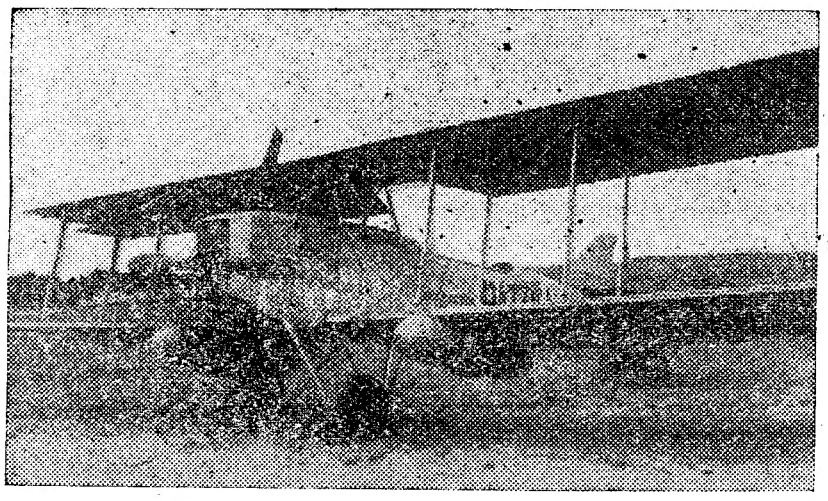
Sarmento Beires traz debaixo do braço alguns papeis e um atlas de Espanha e Portugal, encadernado a vermelho. Vem sorridente.

Brito Pais ainda não chegou.

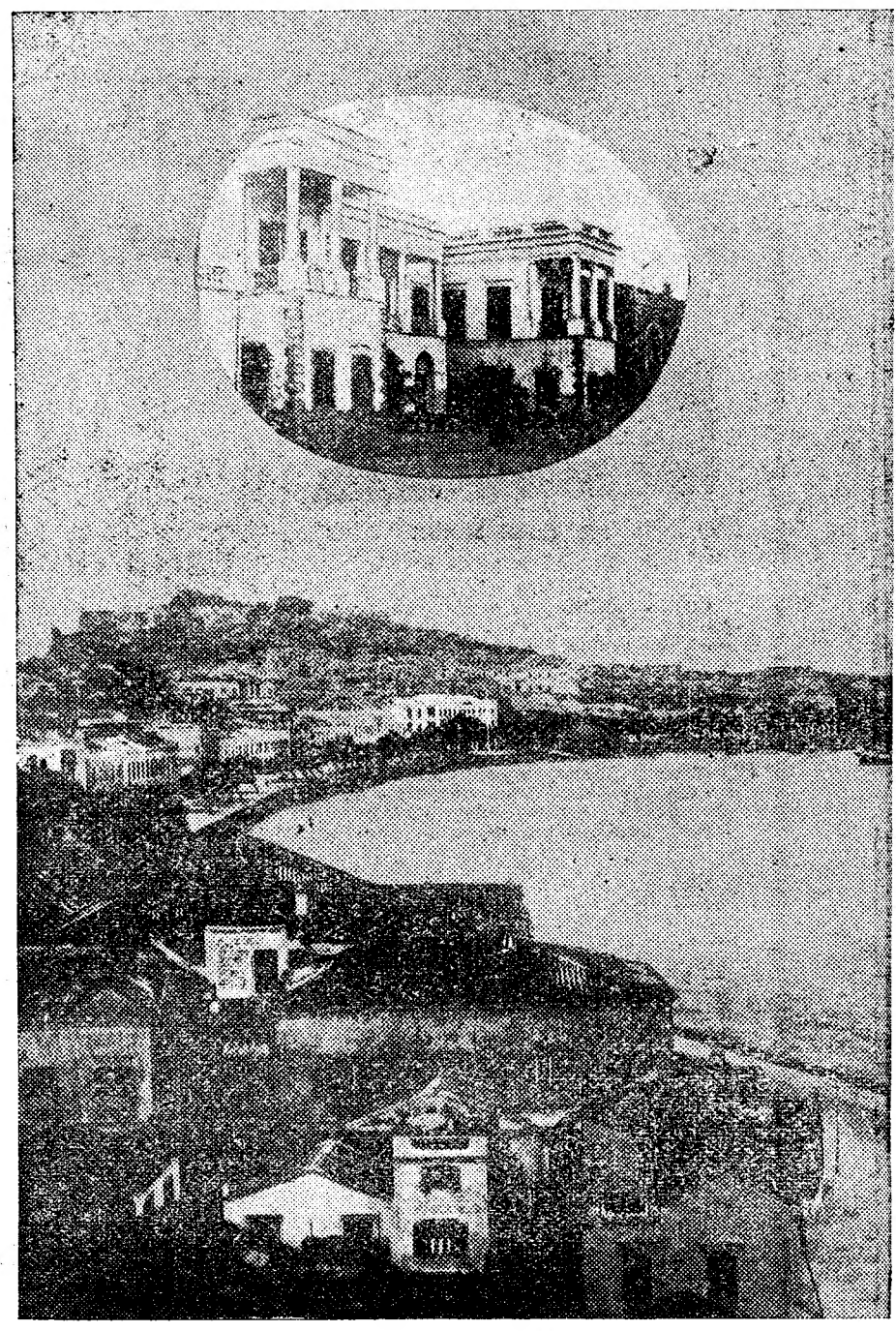
— Foi um automovel buscá-lo a Lisboa — afirmam-nos.

Chega mais gente. O campo começa a animar-se e começa a comoção a turvar os olhos. Nas azas onde a Cruz de Cristo é um sinal certo de triunfo, Portugal vai daqui a pouco subir de novo...

Chegam o comandante Afonso de Cerqueira e o tenente coronel Maia Magalhães. Da «mess» dos oficiais Gago Coutinho e Sacadura Cabral observam curiosamente o «Patria» através das vidraças.



O avião «Patria»



O palacio do governo

A praia grande da

São quatro horas. O capitão Beires, sentado na carlinga, conversa com o comandante Cerqueira. A' roda muitos curiosos, entre os quais se vêm já numerosas senhoras e raparigas. Chega o capitão Brito Pais.

Todos os olhares se voltam para os dois herois.

São quatro e meia. Brito Pais e Sarmento Beires começam a receber cumprimentos e abraços. São alunos da Escola de Guerra e do Colegio Militar, oficiais, um ou dois politicos, muitas senhoras e raparigas, gente do povo, esperando anciosamente a hora da partida.

Pedimos-lhes duas palavras para o *Diario de Lisboa*. Respondem-nos apenas:

— Vamos partir...

E vão partir dali a segundos. A helice começa a mover-se velozmente, o motor arfa, voam os chapeus sobre a relva varrida pelo vento, e o *Patria* desliza em direcção ao Norte. Voa baixinho e, obliquando, toma a direcção de Vila Nova de Milfontes.

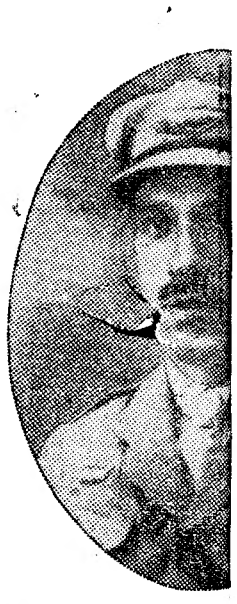
Ha vivas, lenços brancos acenando e olhos cheios de esperança, postos no *Breguet*, que é já agora uma pequena ave a deslizar no espaço imenso.

Serenos, sem espalhafatos, conscios de que cumprem um dever, com risco da propria vida, os dois herois devem ter já, á hora a que são lidas estas linhas, terminado a primeira *étape* da sua tão admiravel quão audaciosa empresa.

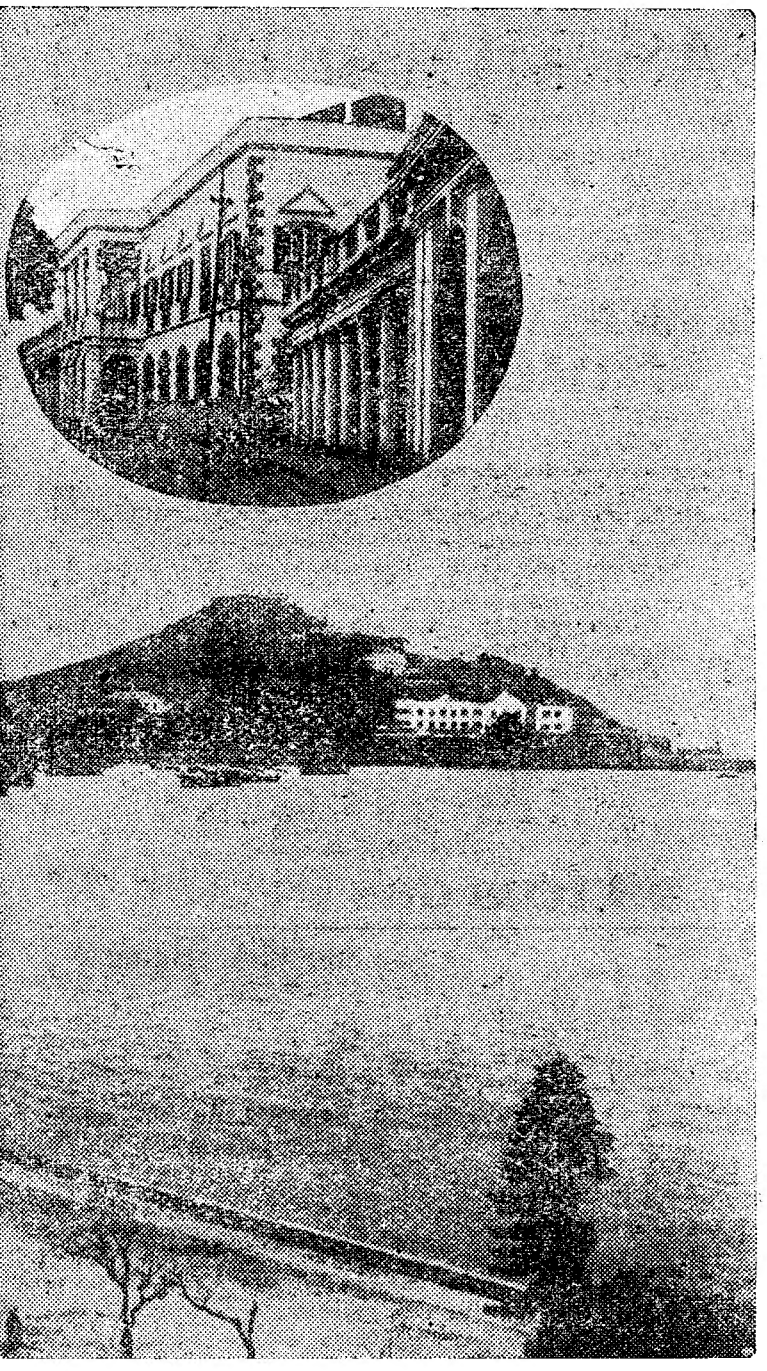
Que a benção de Deus os cubra, para que eles possam, mais uma vez, cobrir de gloria Portugal!»

Os vôos do «Patria»

PERCURSOS	Quilometros	Tempo
Amadora-Vila Nova de Milfontes.	130	0,50
Vila Nova de Milfontes-Málaga..	400	4,30
Málaga-Oran	350	2,45
Oran-Tunis.....	1.000	5,50
Tunis-Tripoli	600	6
Tripoli-Benghasi.....	900	6,20
Benghasi-Cairo	1.300	9,15
Cairo-Damasco.....	750	5,10
Damasco-Bagdad	800	6
Bagdad-Bouchir	900	6,15
Bouchir-Bender-Abbas	600	4
Bender-Abbas-Chahbar.....	600	4
Chahbar-Karachi.....	650	5
Karachi-Johdpur	1.055	5
Total....	10.035	70,55



O mecanico Ma



As repartições publicas

e de Macau

.. Depois foi a audacia sobrehu-vôos sob um calor torturante, contra rtissimos, as aterragens dificilimas, e dinheiro que o Estado — o tradi-anjador — avaramente recusou...

Povo que sentiu o mesmo anseio de animou os heroicos tripulantes do Povo que sentia que nas suas azas o seu signo e o seu nome, vibrou smo e acorreu generosamente e de-te ao apelo do major Cifka Duarte, auxiliar da heroica viagem—o ho-uem se deve mais este novo trofeu que sem o seu esforço seria impos-çar.

s do *Patria* ia a alma de Portugal. ia o dinheiro do Povo transforma-zolina.

Esta hora de triunfo e de gloria para a Aviação Militar é tambem de gloria e triunfo para o Povo, que desde o primeiro momento soube compreender a grandeza deste rasgo admiravel.

* * *

O *Patria* cumpriu o seu dever. Fez mesmo mais do que a sua obrigação. Sendo um aparelho antigo, cheio de remendos e de beliscaduras, fez o que não conseguem fazer muitos aparelhos novos com mais força e mais condições.

Como alguem disse dos aviadores, pode dizer-se do *Patria:*

—*Nenhum faria tanto!*

Ficou em Johdpur despedaçado o admiravel *Breguet*. O que foi a catastrofe fica bem marcado nestas palavras de Sarmento de Beires, escritas a sua esposa:

«Depois de 13 «étapes» no total de 10 mil quilometros e ao fim de 750 quilometros percorridos na linha Karatchi-Delhi, o «Patria» acaba de se despedaçar.

O tempo estava horrivelmente quente e eramos sacudidos de uma forma que causava pavor.

Eu via tudo vermelho em volta de mim e não sabia já o que fazer para estabilisar o avião, que se precipitava no ar rarefeito e ardente.

Não podendo Brito Pais auxiliar-me por se encontrarem os seus comandos incapazes de dominar o avião, resolvemos aterrar.

Eu estava completamente esgotado de energia, e creio que se me conservasse no ar mais algum tempo, teria uma congestão.

Desgraçadamente o terreno escolhido era curto e, tendo falhado a aterragem, foi preciso dar uma volta de pista, durante a qual vimos a morte bem de perto.

Sufocava-se. O avião mantinha-se a 20 metros do solo, perdendo velocidade, sacudido em todos os sentidos pelos turbilhões de vento ardente. Esperavamos a cada instante cair.

Por fim, tendo conseguido alcançar a ponta do terreno que tinhamos escolhido, cortei o motor e, muito perto do solo, o vento atirou-nos contra o terreno arenoso, com tanta violencia que um dos «sandows» quebrou-se. O avião rolou ainda assim duas ou três dezenas de metros e, encontrando terreno mais mole, afocinhou, não tendo capotado devido ao peso que tinha na fuzelagem; mas precisamente por causa desse peso, os «longerons» partiram-se e o pobre «Patria» ficou para sempre imovel nas cercanias da pequena aldeia de Bhudana, a 400 quilometros de Agra.

Brito Pais feriu-se numa perna, e Gouveia recebeu uma pancada nas costas. Eu, apesar do estado deploravel em que ficou o meu logar—tudo estilhaçado, desfeito—não sofri a mais pequena beliscadura!»

* * *

A impressão dolorosa causada por este acidente lamentavel que vinha interromper o vôo magnifico, não a queremos recordar agora.

Houve um momento de desanimo. Mas a fé e a energia de Cifka Duarte e a dedicação admiravel do Povo conseguiram que em breves dias o «Patria» tivesse um sucessor: um «De Havilland», logo baptisado com o nome de «Portugal».

Foi ao «Portugal» que coube a gloria de ir pelo ar levar á terra portuguesa de Macau, com as nossas saudações, a afirmação admiravel de que as virtudes da Raça resistem á lama que a cerca, e se mantêm como sempre, dando a todo o mundo exemplos admiraveis de heroismo e de Fé!

Gloria ao «Portugal»! Gloria á nossa heroica Aviação Militar! Gloria ao Povo Português que tão bem soube compreender a bravura medieval dos que pelo seu nome arriscaram a vida!

AZAS GLORIOSAS!

Portugal

espera

com entusiasmo

a noticia

da chegada dos heroicos aviadores

O governo e o «raid»

Comunicam-nos da Arcada:

O sr. ministro da Marinha determinou que, quando fôr recebida a noticia da chegada a Macau do avião «Portugal», conduzindo Brito Paes e Sarmento de Beires, se fôr antes de pôr o sol, os navios armados içem as bandeiras nacionais nos topes e dêem uma salva de 21 tiros.

A' noite, os navios iluminarão, bem como os edificios dependentes do seu ministerio.

No dia seguinte, haverá embandeiramento em arco e salva de 21 tiros ao meio dia.

Os edificios da marinha içarão a bandeira nacional e nos navios e estabelecimentos da marinha, onde haja forças da Armada, será feita por um oficial uma conferencia alusiva ao acto que se solenisa.

Haverá tambem melhoria de rancho.

Pela secretaria da Guerra foi determinado aos comandantes das divisões do exercito que, logo que haja noticia da chegada a Macau dos aviadores Sarmento de Beires e Brito Pais, as bandas regimentais percorram, tocando, as localidades do seu aquartelamento, associando-se assim ás manifestações de regosijo nacional que aquela noticia certo provocará. Foi tambem determinado que se observem todas as manifestações festivas indicadas para os dias de feriado nacional, incluindo melhoria do rancho, as quais se realizarão, sendo possivel, no proprio dia da chegada da noticia ou no dia imediato.

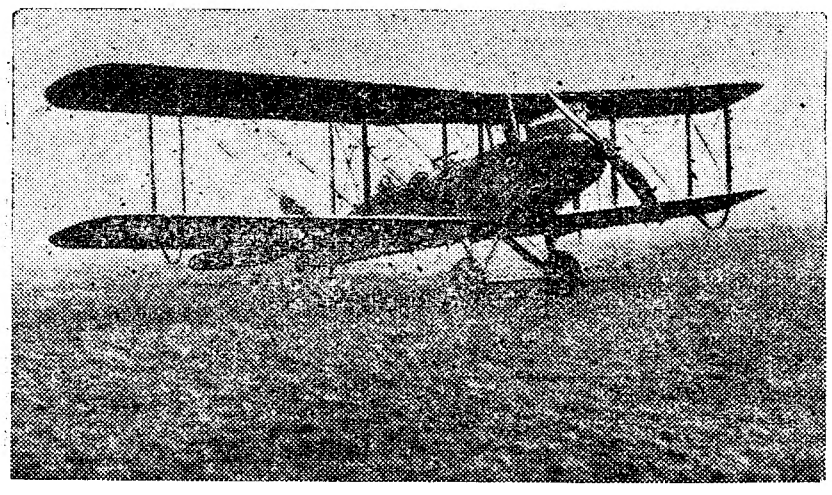
A salva de 21 tiros, com que o Castelo de S. Jorge anunciará á capital a chegada dos aviadores a Macau, será dada a qualquer hora, mesmo que seja de madrugada.

* * *

A Sociedade Portuguesa do Rio Grande do Sul remeteu ao sr. Presidente da Republica, por intermedio do Banco Economia Portuguesa, a quantia de vinte contos, que S. Ex.ª mandou hoje entregar á comissão de donativos, no Aero Club, pelo seu secretario particular, sr. Viana de Carvalho.

Os vôos do «Portugal»

PERCURSOS	Quilometros	Tempo
Lahore-Ambala	500	3,30
Ambala-Allahaad	1.000	5,30
Allahabad-Calcuttá	871	5
Calcuttá-Akhyab	780	4,45
Akhyab-Rangoon	615	4,30
Rangoon-Bangkok	1.250	8,30
Bangkok-Hanoi	1.350	8,45
Hanoi-Macau	850	* 6,30
* Tempo previsto Total	7.216	47



O avião «Portugal»

QUE DESGRAÇA!

e SÓ por não ter tomado

ATOPHAN!

ATOPHAN - Schering - EM COMPRIMIDOS

o remedio classico é infalivel contra

A GOTA
O REUMATISMO
E O ACIDO URICO.

A' venda em todas as farmacias.

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

Ratgondins, rapozas, skungs, opussom, petit gris, etc.

Sempre grande e variado sortido em peles estrangeiras e nacionaes.
Curte, tinge e confecciona; rapidez e perfeição.
Preços para reclame.

Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, L.da

Telefone N. 5111

49, Rua das Pretas, 2.º

CURIA

Aberta de 1 de Junho a 31 de Outubro

Centro de cura, repouso e turismo

Artritismo: litiase renal, gota, reumatismo articular, asma e obesidade.
Doenças de bexiga e rins. Dermatoses secas.
Albuminuria — Prisão de ventre.
Hidro-terapia geral — Banhos de bolhas de ar — Massagens.
Electroterapia.
ASSISTENCIA MEDICA PERMANENTE — LABORATORIO DE ANALIZES.
Hoteis de 1.ª ordem, com dieta — Luz electrica.
Casino. Campo de jogos, frondoso parque, jardim e grande lago.
Casas de aluguer.
TELEGRAFO — AGENCIAS BANCARIAS.
Paragem de todos os comboios, incluindo o «Sud-Express» na estação de Mogofores, a dois kilometros. Carros e automoveis á chegada de todos os comboios.

INFORMAÇÕES

LISBOA — Serra & Marinho, L.da, Avenida da Liberdade, 9, 1.º
CURIA — Sociedade das Aguas da Curia.
PORTO — Alfredo Ribeiro, R. dos Caldeireiros, 111.

Companhia Portuguesa de Pesca

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Rua 24 de Julho, n.º 20, 1.º, D.

Dividendo de 1923

Avisam-se os Ex.mos Srs. Accionistas que se encontra a pagamento na séde desta Companhia o dividendo de 10 % de 1923, Escudos 7$00 (sete escudos) por acção já livre de impostos, todas as segundas, quartas, quintas e sabados das 10 ás 12 e das 14 ás 16 horas até final do corrente mês, reservando se as terças e sextas feiras ás mesmas horas para todos os bancos e casas bancarias e seus Ex.mos clientes.

Avisam-se igualmente os Ex.mos Srs. Accionistas residentes no Norte do País que podem receber os dividendos das suas acções na casa Borges & Irmão do Porto, a partir de segunda feira, 15 do corrente.

Lisboa, 13 de Junho de 1924.

A Direcção

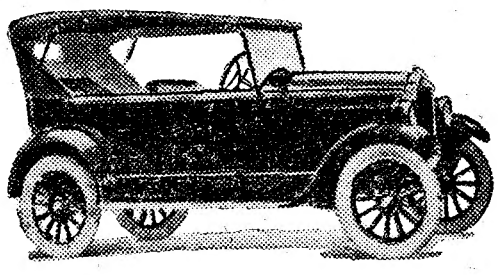
Gray

Record dos automoveis ligeiros

H. P. 16|20--regime de 1400 rev. p. minuto

Magneto BOSCH

Consumo 9 litros aos 100 K.
Partida e iluminação electricas



AMERICA HALL, L.DA

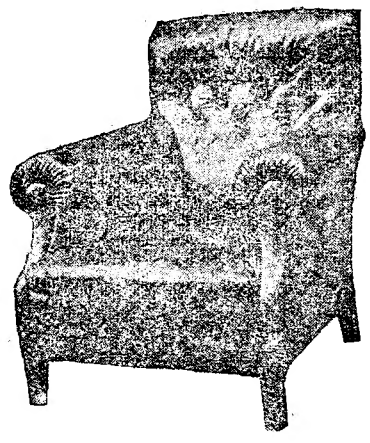
37-1, R. da Est. Poly.ca, 37-B
LISBOA

Preço actual despachado Es. 33.000$00

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)
TEL. C. 2082

URQUINOL

Poderoso dissolvente
do
Acido Urico
INDICADO
no
Artritismo

REUMATISMO — GOTA — OBESIDADE
Colicas Nefriticas e Hepaticas

Instituto Pasteur de Lisboa
LISBOA: Rua Nova do Almada, 69
PORTO: Rua dos Clerigos, 36

Maria Hortencia Teixeira da Silveira

Confortada com os Sacramentos
Santa Madre Egreja

FALECEU

Alcina Hortencia Teixeira, Arthur Maria Teixeira, sua esposa e filhos, Padre José Menezes de Paiva, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida Mãe, sogra, avó e tia, e que o seufuneral se realisa amanhã, 15 do corrente, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da Rua Luciano Cordeiro, 98 r/c, para o Cemiterio Oriental, sendo o acompanhamento de trem e a pé.

FONSECAS, SANTOS & VIANA

BANQUEIROS

Estabelecidos em 1861

RUA DO COMERCIO, 116 a 132

Telegramas. SANVISE-LISBOA

T. S. F.
parelhos e toda a classe de acessorios
para qualquer machina de telefonia
sem fios
Travessa do Corpo Santo, 10, 1.°, D.

ESTRANGEIRO

Reis & Sá, L.da
CHANGEURS * CAMBISTAS * CHANGERS
Compra e venda de moedas estrangeiras = «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 . . . LISBOA

DE FRANÇA

MARSAL

solicitou

a demissão

do governo

no novo presidente Doumergue

VERSAILLES, 14

ainlevé foi um dos primeiros que
m felicitar Doumergue tendo-se os
s presidentes abraçado espontanea-
nte.
ienvenu Martin, presidente do con
sso, o sr. François Marsal e os restan-
ministros comunicaram oficialmente
Doumergue a sua eleição para a pre-
ncia da Republica.
ienvenu Martin, em nome das mesas
Assembleia Nacional dirigiu lhe as
s felicitações.
epois da transmissão dos poderes,
merguc saiu do palacio, acompa-
do pelo sr. François Marsal, sendo
ito ovacionado pela população e par-
para Paris, onde entrou ás 18,15 pela
a Dauphine, saudado pelo general
rpy, comandante da praça de Paris
irigiu se para o Elyseu, onde chegou
18,35. Doumergue recebeu em seguida
r. Marsal, que lhe entregou a demis-
do gabinete, a qual foi aceite pelo
Doumergue. — (L.)

Doumergue

faz as visitas protocolares

PARIS, 14

oumergue fez esta noite as visitas
tocolares ao sr. Bienvenu Martin,
neiro vice-presidente do Senado e ao
Painlevé, presidente da Camara dos
utados. Na ocasião em que o sr. Dou-
gue chegou á presidencia da Camara,
va o sr. Painlevé conferenciando com
srs. Herriot, Briand, Chaumet e Jus
Godard. O sr. Doumergue deve come-
ámanhã as suas consultas politicas,
bendo ás 10 horas o sr. Bienvenu
tin, ás 10,15 o sr. Painlevé e devendo
11,30 chamar ao Elyseu o sr. Herriot.
.)

O que foi

a eleição no Parlamento

VERSAILLES, 14

epois de feito o escrutinio, o vice-
sidente do Senado, sr. Bienvenu Mar
proclamou os resultados. A eleição
sr. Doumergue foi acolhida com uma
nsa ovação do congresso, tanto da
eita como da esquerda. Os comunistas
nifestaram-se ironicamente junto dos
ficais e gritaram pela anistia. Os depu
os do centro, todos de pé, cantam a
rseIhesa», ao passo que os socialis
e os comunistas entoam a «Interna-
al». A sessão foi levantada ás 16,50.
H.)

Herriot

vai formar governo

**PARIS, 14 — Herriot acedeu a
mar gabinete. — (H.)**

UM CASO UNICO

ntem, hoje, ámanhã, seja quando fôr, constituirá
e um caso raro, esporádico, unico, encontrar-se
pessca que tenha a ousadia de lançar a publico, a
nte afirmativa:
O cinema é uma arte inferior!
as se seria raro, unico mesmo este individuo que
estabelecia tão brutal paradoxo, ainda mais com-
impossibilidade existe de se encontrar alguem, ho-
mulher ou criança duma ponta a outra de Lisboa,
a outro extremo de Portugal que ouse dizer que o
na Condes não é o melhor de todos os cinemas e
os seus programas não são os mais variados, os
impregnados de beleza, de arte e de elevação mo-
mental. Prova evidente desta verdade indiscutivel
actual programa que o elegante Condes exibe esta
em reunião da «élite». Efectivamente. Tumulo In-
4.ª jornada) com Mia May, Conrad Veitt, Lya de
Olaf Fons, Bernard Goetze, Paul Richter, etc.,
isto é, uma pleiade brilhantissima de *estrelas*, a co-
sportiva *Desnorteado*, por Hoot Gibson, 5 actos
vilhosos de arrojo, audacia e pericia sportiva, além
leroi a zero, 2 partes, por *Patuncio*, e uma exce-
estreia de *Jornal do Condes 219* com os mais pal-
es assuntos compõem um programa colossal verda-
mente inexcedivel.

A SEMANA DE PARIS

Notas

SOBRE

POLITICA, SPORT, ARTE E LETRAS

PARIS, 9 de junho — A semana que findou foi uma semana agitada para a França. Começou pela demissão do governo Poincaré e terminou com a chamada ao poder de François Marsal. Mas o problema politico não ficou resolvido. A maioria da Camara continua a pedir a demissão do Presidente da Republica. O actual governo tem apenas a missão de apresentar á Camara a mensagem presidencial na qual Mr. Millerand provará ter cumprido sempre o seu dever. O procedimento do Presidente da Republica tem a sanção de todos os conservadores e estes são numerosos.

Apurados os factos, o «Bloc National» teve mais votos do que as esquerdas. Mas o processo de votação que ha quatro anos deu a maioria na Camara ao «Bloc National», favoreceu desta vez os partidos avançados. E assim, nem a França de ha quatro anos era tão conservadora como parecia, nem a França de hoje é tão avançada como o prova a Camara actual. No emtanto, a vontade da maioria prevalecerá e o Presidente da Republica resignará o seu mandato, a não ser que algum movimento inesperado modifique a ordem natural das coisas.

* * *

Os jogos olimpicos continuam prendendo a atenção de grande parte dos parisienses. Nos dias feriados, sobretudo, a afluencia ao Stadium de Colombes é extraordinaria. Cinquenta mil pessoas assistiram hoje ao «match» de «foot-ball» entre o Uruguay e a Suiça. Disputava-se a prova final de «foot-ball» dos jogos olimpicos. Os uruguaianos, que têm sabido prender a atenção do publico pela sua tecnica, rapidez de movimentos e correcção, venceram mais uma vez. E o Uruguay, pequeno país, quasi desconhecido (do sul da America os franceses, em geral, só conhecem a Argentina) é o assunto de todas as conversas e discussões.

Mas o Stadium de Colombes, grande anfiteatro onde se vão disputar grande parte das provas dos jogos olimpicos, nada tem de comparavel aos antigos amfiteatros. Pobre construção em cimento armado, a traduzir o espirito ligeiro da nossa epoca, o Stadium de Colombes não tem a grandeza e a harmonia que nós ainda descortinamos nas ruinas romanas da Italia ou do sul da França. Faltam-lhe, sobretudo, as magnificas colunas que encheram de beleza a arte antiga.

* * *

O «Salon» continua aberto e todos os dias são numerosos os seus visitantes. Estes, porem, se não conhecerem as obas dos mestres que quasi já não concorrem aos salões, terão uma ideia absolutamente falsa da moderna pintura francesa. Percorrendo o «Salão», tem-se a impressão de que nada mudou nestes ultimos anos. Dir-se-hia que a arte de Gauguin, de Cezanne e de Picasso não teve a menor influencia sobre a arte moderna. E é justamente o contrario que se observa nas recentes exposições de Matias, Derain, Braque e Friez, os verdadeiros mestres da moderna geração.

Notam-se, porém, no «Salon» deste ano uma manifesta tendencia para o exotismo. O pintor francês já não procura, como outrora, as margens calmas do Sena e os crepusculos pallidos de Paris. O sol ardente da Africa, os contrastes vivos de sombra e da luz começam tambem a interessá-lo. Divet é, neste caso, o digno sucessor de Delacroix e Fromentin.

Por outro lado, nota-se a existencia de um grupo de pintores que se consideram neoclassicos, apoiando-se no movimento do seculo XIX que teve como chefe Ovesbech e o qual se reclamava de Rafael. Mas tanto a uns como a outros falta o talento do grande mestre italiano.

Aqui e ali veem-se algumas grandes composições, mas sem elevação nem harmonia. Mais além algumas paisagens com arvores frondosas e á sombra das quais se acolhem pequenos personagens. — Mas onde está aquela poesia que envolve as telas do incomparavel Corot que eles pretendem imitar?

O pintor mais procurado do «Salon» é Van Dogen. O escandalo de ha 3 anos com a caricatura de Cécile Sorel foi para ele um grande reclamo. As tonalidades claras dos seus trabalhos marcam-lhe certamente um lugar áparte, mas os seus retratos tambem não revelam uma fina penetração psicologica.

Da escultura, nem é bom falar. A'parte uns bustos interessantes, a banalidade reina por toda a parte. As mesmas composições sôbre a guerra, sempre o mesmo soldado, a mesma mulher que chora junto da tumba dum ente querido, sempre os mesmos sentimentos, as mesmas ideias e a realidade sem elevação e sem grandeza.

* * *

Teatro, O grande acontecimento artistico da semana passada foi a aparição na Opera do grande cantor russo Schahappin, considerado hoje como o primeiro tenor do mundo. Ha bem uns doze anos que Paris não tinha a honra de o ouvir. E, apesar da guerra surda que ultimamente se lhe tem feito por ele ter aceitado — diz-se — o regimen dos «soviets», o seu triunfo foi absoluto. «Boris Guodnow» é a sua corôa de gloria e foi com essa peça que ele se estreou em Paris.

«Si je voulais» é o titulo da ultima peça de Paul Geraldy, actualmente em scena no teatro Gymnase. E' a historia duma mulher casada, honesta e que adora o marido, mas que lamenta não atraír a atenção dos homens, como sucede a uma amiga, bem menos bonita do que ela e bem menos interessante. Depois dumas pequenas aventuras sem importancia, ela volta ao marido que a adora e que não quere perdê-la. E' um nada, quasi sem intriga nem movimento. Mas a peça é toda cheia de subtilesas e escrita naquela linguagem fina e delicada que caracterisa o espirito francês e que atrae sobretudo o publico parisiense.

Alfred Savoir, o autor da «Huitième femme de barbe bleu», que Robinne e Alexandre representaram em Lisboa, deu-nos uma nova peça que se representa num novo teatro, sem duvida um dos mais elegantes de Paris. Chama-se a peça «La grande duchesse et le garçon d'étage» e o teatro «Theatre de l'Avenue».

Comedia cheia de paradoxos, mas habilmente construida, o novo trabalho de Savoir tem agradado bastante. Mas como ele põe em scena uma gran-duquesa russa um pouco excentrica e leviana, os russos não cessam de se queixar mais uma vez da falta de compreensão do temperamento slavo por parte dos franceses. E crêmos que eles têm toda a razão.

Iréne de Vasconcelos

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer) — TODAS AS NOITES
Bailes populares em recinto apropriado
Esplendidos concertos de Jazz Band
Profusa iluminação
Numerosos recreios e diversões
Cafés-concertos «Bar» e serviço permanente de Restaurant — O mais aprasivel recanto de Lisboa

Mais novidades!! Não findam as atracções!!! — HOJE, ás 9,45 da noite no
Eden Teatro Telef. N. 3.800
Numeros novos: «O cartaz dos novos ricos» e «O homem do talho e a sua dama»
na graciosa e deslumbrantissima revista
FRUTO PROIBIDO
pela Companhia OTELO DE CARVALHO

DE BERLIM

PRESOS

politicos

que vão ser

permutados

entre a França e a Alemanha

BERLIM, 14

Continuam as negociações entre os governos francês e alemão para troca dos presos das duas nações.

A efectuar-se o acôrdo, serão trocados 42 prisioneiros alemães encarcerados na prisão de St. Martin por desobediencia ás autoridades francesas do Ruhr, por 6 presos franceses que se encontram actualmente nas prisões alemãs. — (R.)

Os socialistas

e a participação no governo

BERLIM, 14

O Congresso Socialista autorizou por 266 votos contra 115 a eventual participação do partido em qualquer governo burguês, e regeitou por 249 votos contra 99 a moção que convidava os deputados socialistas que têm assento do Reichstag a votar contra o capitulo do orçamento destinado a cobrir as despezas da Reischswekr. — (R.)

Um ataque

a um comboio expresso

Um comunicado de Nova York para a «Vossische Zeitung» informa que um grupo de bandidos atacou á bomba o comboio expresso que de Chicago transportava 2 milhões de dollars do Banco Federal de Reservas. Os gatunos, uma vez apreendida essa enorme quantia, puzeram-se em fuga em automoveis. — (L.)

A imprensa

e os acontecimentos do Ruhr

O general Degoutte, comandante das forças francesas de ocupação no Ruhr e na Renania, publicou um decreto proibindo a imprensa alemã daquelas regiões de fazer quaisquer comentarios aos acontecimentos politicos da França. — (R.)

Morte

de um antigo embaixador

Faleceu o antigo embaixador da Romenia nesta cidade, sr. Holdsman, que ocupou aquele cargo desde o inicio da guerra até 1916. O sr. Holdiman faleceu com 79 anos de idade, nas suas propriedades da Romania. — (R)

POLITEAMA HOJE
Guerra em tempo de paz

Drogaria João Faria

Não tendo comparecido numero suficiente de credores na reunião realizada no passado dia 9, novamente e pela ultima vez a comissão pede aos srs. credores o favor de comparecerem ou fazerem-se representar na ultima reunião que se efectua no proximo dia 16, ás 9 horas da noite, na Soc. Cruz Sobrinho, Ltd.ª, rua do Carmo, 43, 1.º

A comissão faz notar que para uma deliberação importante é **indispensavel o acordo unanime** dos srs. credores.

Lisboa, 12 de Junho de 1924.

A Comissão

CAMBIO DO DIA	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	152$50	153$00
%/Paris	1$82	1$90
%/Madrid	4$75	4$80
%/New-York	35$32	35$60

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA	COMPRA	VENDA
%/Italia	1$53	1$55
%/Suiça	6$23	6$29
%/Brasil	3$77	3$85
Libra esterlina	168$00	17[illegible]

A CARIDADE

A OBRA DE PROTECÇÃO

ás creanças pobres empreendida por Alexandre Ferreira

O sr. Alexandre Ferreira é um dos vereadores mais activos da Camara Municipal de Lisboa, tratando de todos os assuntos do seu pelouro com um grande carinho, não se poupando a trabalhos para conseguir os seus desejos.

Agora dedicou-se a uma bela obra, a protecção á infancia.

Esta manhã subia ele apressadamente a rua Augusta. Embargámos-lhe o passo:

—Tem alguma noticia importante a dar-nos?

—Tenho.

—De que se trata?

—Quero ver se consigo levar este mês aos banhos umas duas mil crianças pobres.

—Por conta da Camara?

—Sim... A iniciativa pertence á Camara, mas o peor é a falta de dinheiro.

—Como espera, então, conseguir esse milagre?

—Com o auxilio da imprensa do comercio, da industria e dos particulares. Na Inglaterra, as instituições de caridade e de beneficencia são todos auxilios pelos particulares. Em Portugal, toda a gente está encostada ao Estado.

—Mas os banhos ás crianças tornam-se bastante dispendiosos?

—Não se fazem com menos de cincoenta contos. A Camara apenas auxilia esta iniciativa na medida do possivel. Confio na generalidade dos companheiros e do comercio, esperando que me enviem chocolates, bolos, pão, manteiga e outros alimentos, para poder dar uma refeição ás crianças, depois do banho.

—Qual o auxilio que o Estado presta?

—Espero a cedencia de tendas de campanha para armar barracas na praia. Conto tambem com o auxilio da Companhia Carris e da Sociedade Estoril, para me fornecerem transportes para as crianças.

—Quais as condições de admissão das crianças?

—Como estimulo, damos a preferencia ás crianças pobres que frequentem as escolas e depois ás outras que não a pódem frequentar, por falta de roupas para vestir.

—São sujeitas a alguma inspecção medica?

—Sim, senhor. Já andam os medicos da Camara a fazer inspecções nos bairros mais populosos.

—Espera que a sua iniciativa seja coroada de exito?

—Por emquanto, não tenho razão para desanimos. Creio que ninguem de coração é capaz de negar o seu concurso a esta obra. Mas, para que ela não falhe, é imprescindivel o prestimoso concurso da imprensa, pois sem ela nada é possivel.

—Quando principiam os banhos?

—No meado deste mês.

Fuga audaciosa

dum soldado preso

O soldado do P. A. M. José de Almeida Rocha está preso pelo crime de furto, no Deposito de Adidos, ás Janelas Verdes. Hoje teve que ir prestar declarações ao tribunal da Boa Hora, sendo conduzido debaixo de uma escolta de 2 soldados e um cabo.

O Rocha, quando terminou as suas declarações na Boa Hora, pediu ao cabo para o deixar ir ver a familia que reside na rua do Norte, 120, 2.º. O seu pedido foi satisfeito.

Pouco depois, o Rocha teve a audacia de se evadir, atirando-se do 2.º andar para o 1.º e em seguida para a rua, pondo-se em fuga para nunca mais ser visto.

O cabo, muito aflito, dando por falta do preso, prendeu a sua mãe e a mulher, conduzindo-as para o Governo Civil, onde não ficaram detidas por se tratar de assuntos de fôro militar, seguindo, por isso, para o Deposito de Adidos.

A POLITICA

"NÃO RENUNCIEI AO LOGAR DE DEPUTADO, ABANDONEI UNICAMENTE OS TRABALHOS PARLAMENTARES,,

declara ao "Diario de Lisboa o deputado Barroz Queiroz

O acontecimento politico do momento é a iminencia com que a minoria nacionalista se colocou de abandonar os trabalhos parlamentares, pela segunda vez, acompanhando o gesto do seu correligionario sr. Barros Queiroz.

Impunha-se uma entrevista com este ilustre parlamentar, que na minoria nacionalista apresenta a douta sabedoria dos financeiros.

O sr. Barros Queiroz, num quarto de hora de conversa despretenciosa com o jornalista, fez-lhe as seguintes, categoricas afirmações:

—Não se trata duma renuncia.

—Trata-se...

—Dum simples abandono dos trabalhos parlamentares.

O jornalista regista e ocorre-lhe preguntar o seguinte:

—Essa resolução foi motivada, apenas, pelo caso de ontem, na Camara?

Resposta rapida do nosso entrevistado:

—Esta revolução foi motivada, sobretudo, pela maneira como estão decorrendo os trabalhos parlamentares.

—Mas a regeição do projecto...

—Apenas fortaleceu a minha resolução de abandonar a Camara, saindo imediatamente da sala.

Uma pequena pausa. Barros Queiroz, que tem serviços urgentes á espera, tenta libertar-se da nossa curiosidade. No emtanto, fazemos o que podemos para lhe arrancar o que reputamos ainda necessario para a entrevista.

—As consequencias...

—Não serão nenhumas...

—Os seus correligionarios acompanhá-lo hão...

—Entendo que não o devem fazer.

—Porquê?

—A sua presença nas Camaras é necessaria—e o meu gesto é um caso pessoal, uma questão de temperamento, de feitio. Tenho o *mau* habito de emitir a minha opinião nos assuntos que discuto—como na questão do selo, das contribuições, como neste decreto de redução de juros, criando, por isso, responsabilidades que não tenho o direito de repelir.

—Mas sabemos que o directorio do partido está empenhado...

Barros Queiroz não nos deixa concluir e responde:

E' natural. Agradeço-lhe muito—mas a minha resolução é inabalavel. Emquanto os trabalhos parlamentares decorrem como têm decorrido, não voltará á Camara.

—Para voltar...

—E' necessario que a vida da Republica entre em melhor caminho.

—Quere dizer...

—Que se torna necessario que os partidos definam, categoricamente, os seus programas, de maneira que as medidas governamentais não resultem de simples acasos, de meros caprichos, mas de trabalho serio, aturado, metodico—sem o que nada de pratico e de util se obterá.

—O governo está em crise—em crise, pelo menos, parcial...

—Sim, creio que ha ministros demissionarios.

—A sua opinião...

—Já tive ocasião de lhe dizer, ha dias, a minha opinião.

—Compete á maioria...

—Evidentemente que compete á maioria arcar com as responsabilidades.

Barros Queiroz estende-nos a mão—sinal categorico de que chegou o momento de não dizer mais nada. Acedemos — mas preguntando ainda:

—Abandono da Camara, até quando?

—Até quando as circunstancias determinarem.

Colhidos pelo comboio

Pelo rapido do Porto, foi colhido, na estação de Vale de Figueira, um passageiro do comboio «omnibus» do Entroncamento, o qual teve morte instantanea. Ignora-se a sua identidade.

—Na linha 2 da estação da Pampilhosa, foi esta manhã encontrado morto um rapaz de nome Alberto Henriques, de 15 anos, filho de Joaquim Maria Henriques, que se supõe ter sido colhido pelo comboio de mercadorias n.º 17.

Colegio Calipolense

Iniciaram-se ontem, no Colegio Calipolense, de que é director o sr. dr. Fernandes Agudo, as festas promovidas pelo corpo docente e pelos alunos deste magnifico estabelecimento de ensino.

Os trabalhos dos alunos foram depostos de manhã, tendo merecido a geral atenção os dos alunos Amorim, Justo e Virgilio Marques.

A's 17 horas foi distribuido um bodo aos pobres, seguindo-se a execução de varias e curiosissimas provas desportivas.

Hoje realiza-se, ás 21,30 horas, uma recita, desempenhada pelos alunos e seguida de baile.

E. R. M. E.

Simbolisa nas machinas de escrever, além das iniciais da nossa casa:

Esmero Rapidez Maxima Economia

que são os predicados porque se recomenda a

Empresa Reconstructora de Machinas de Escrever, Limitada

SÉDE NA SUA PROPRIEDADE
L. de S. Martinho, 8 a 11
(Defronte do Limoeiro)
Telef. C-3081

FILIAL
R. dos Retrozeiros, 58
Telef. C-1020

CRITERIOS...

O CASO DAS MONTRAS

e o que diz um membro do jury do concurso

Esta entrevista não dispensa uma nota preambular. E vem a ser: o *Diario de Lisboa*, referindo-se ha dias, ao concurso de montras, em notas de reportagem desprendida, registou uma opinião critica do jornalista que, pelo visto, desagradou a algumas pessoas. Ora, em primeiro lugar, precisamente porque de critica se tratava, importa reconhecer que diversissimos podiam ser os criterios postos; e depois, mais importa, ainda, verificar que a nós só podia inspirar-nos, como nos inspira sempre, um desejo de perfeição maior, uma ansia de progressidade que mais e mais nos dignifique colectivamente. As censuras do *Diario de Lisboa* não têm, nunca, senão esta determinante e esta finalidade: aspiração de melhor, engrandecimento dos valores nacionais. E quando assim é, quer parecer-nos que fracas se tornam as zangas dos contrarios; sobretudo quando nós não costumamos ter na conta de dogma a nossa desinteressada maneira de vêr.

* * *

O entrevistado de hoje é o sr. Roque da Fonseca, director da Associação Comercial de Lisboa e membro do juri que distribuiu os premios aos concorrentes.

—Antes de mais nada—começou ele—v. sabe que tenho pelo *Diario de Lisboa* uma acentuada predileção.

—Os nossos agradecimentos...

—Não tem de quê. E' justiça apenas. Ha no seu jornal movimento, irrequietismo, mocidade, audacia; e isto representa alguma coisa, numa sociedade comodista em que o lêma, é «deixa andar». Desta vez, porém, no tocante ao concurso de montras...

—Discordou?

—Discordei e discordo. Primeiro, porque vocês os jornalistas têm o dever indeclinavel de auxiliar e acarinhar todas as iniciativas que tenham, como esta, um objectivo util e interessante.

—Depois?...

—Depois, porque o concurso teve, na verdade, alguma coisa de artistico e logrou, inquestionavelmente, interessar e movimentar muitos milhares de pessoas, tanto de Lisboa como das provincias.

—O *Diario de Lisboa* — entendamo-nos—não teve em vista amesquinhar a iniciativa a todos os titulos louvavel...

—Sendo Camões a mais alta expressão da raça portuguesa, mesmo que o concurso—e não só o concurso, mas as festas todas do centenario—fosse qualquer coisa de muito extraordinario nunca atingiria a suficiente grandeza.

No que devemos assentar é em que não ha o direito de amesquinhar uma iniciativa a que a Associação Comercial e a Associação dos Lojistas deram o melhor do seu esforço. E nem todos avaliam as dificuldades de uma realização como esta, que teve já exito grande este ano, e que obterá no futuro um exito muito maior.

—Oxalá.

—Não tenha duvidas a esse respeito. Basta, para avaliar do nosso esforço, que distribuimos 12 contos de premios pecuniarios aos empregados encarregados das ornamentações das montras.

Creme de Lyon
O MELHOR PARA A PELE
A' venda em toda a parte
DEPOSITO:
Rua das Pedras Negras, 36, 2.º

Perfumaria «Flôr de Liz»
Acreditadas tinturas finas para cabelo
R. NOVA DO ALMADA, 83